

## OSTEODISTROFIA HIPERTRÓFICA EM CÃES

DEVES, Cidámayá Alves<sup>1</sup>; SANTOS, Fernanda Nunes<sup>1</sup>; PEREIRA Renata Dornelles<sup>1</sup>;  
ARALDI, Daniele Furian<sup>2</sup>

**Palavra-chave:** Osteodistrofia. Cálcio. Cão.

### Introdução

A osteodistrofia hipertrófica é um distúrbio ósseo idiopático que causa destruição das trabéculas metafisárias nos ossos longos de cães jovens com crescimento rápido. Os fatores etiológicos propostos incluem suplementação excessiva de cálcio na dieta, deficiência de vitamina C, hipernutrição e microrganismos infecciosos.

Os sinais clínicos surgem comumente por volta dos 3 a 4 meses de idade (FOSSUM, 2005, JOHNSON; WATSON, 1997), com os machos sendo afetados mais frequentemente que as fêmeas. Entretanto, podem ocorrer tão cedo quanto 2 meses e as recidivas podem aparecer até 8 meses de idade (FOSSUM, 2005).

A causa da osteodistrofia hipertrófica é desconhecida, enquadrando a afecção dentre os distúrbios ósseos idiopáticos de pequenos animais.

Este trabalho tem como objetivo caracterizar a osteodistrofia hipertrófica em cães, evidenciando as principais causas e os possíveis métodos de prevenção e tratamento desta doença.

### Revisão de Literatura

Os fatores etiológicos propostos incluem suplementação excessiva de cálcio na dieta, deficiência de vitamina C, hipernutrição e microrganismos infecciosos. Foi postulada uma ligação com o vírus da cinomose canina, mas segundo Fossum (2005) isso não foi sustentado por estudos epidemiológicos. Outros autores defendem que um excesso de cálcio na dieta tende a diminuir a saída de cálcio dos ossos, o que, com o tempo, causa aumento da densidade óssea, interferindo nos processos de crescimento e modelamento normal desta estrutura. Nesta situação, estão sob risco as raças grandes,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta, RS  
nanda.ns@hotmail.com

<sup>2</sup> Zoot., M. Sc., Professora do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Cruz Alta, RS  
danielearaldi@hotmail.com

que apresentam predisposição genética à problemas ósseos, como Labrador, Rotweiller, Pastor Alemão, Weimaraner, Dogue Alemão entre outros.

O excesso desse mineral pode provocar grande variedade de patologias, como o retardo no crescimento e alterações do desenvolvimento esquelético, alterações articulares como a osteocondrose, além da osteodistrofia hipertrófica, Síndrome de Wobbler e Síndrome do Rádio Curvo (CARNEIRO *et al*, 2006). Há ainda muitos defensores da hipovitaminose C como etiologia da doença, afirmando que essa deficiência retarda o crescimento longitudinal de todos os ossos longos, o que pode levar a osteodistrofia hipertrófica (FOSSUM, 2005; CARNEIRO *et al*, 2006). Essa hipótese é bastante defendida, originando dela a sinonímia da afecção de escorbuto esquelético. A patogênese é obscura, mas um distúrbio aparente de suprimento sanguíneo metafisário leva a alterações na fise e no osso metafisário adjacente, resultando em atraso de ossificação da zona hipertrófica fisária (FOSSUM, 2005).

A fase aguda dessa doença dura cerca de 7 a 10 dias e os filhotes afetados apresentam-se com tumefações metafisárias e dor, acompanhadas por depressão, inapetência e pirexia variável, recusam em se levantar e perdem peso de forma generalizada. Esses animais podem ficar muito doentes e exigir terapia de suporte intensiva (JOHNSON; WATSON, 1997; FOSSUM, 2005). Alguns casos recuperam-se em alguns dias, mas outros podem apresentar uma ou mais recidivas antes da recuperação final. Casos onde a repetição das recidivas, dor, debilidade e caquexia são frequentes, impõem à eutanásia (FABRIS, 2009).

Alterações radiográficas ocorrem especialmente nas metáfises dos ossos longos, sendo geralmente bilaterais. No estágio inicial, está presente zona radiotransparente irregular na metáfise, separada da placa de crescimento com aspecto normal por faixa densa. O tecido mole circunjacente pode estar inflamado. As radiografias subsequentes podem exibir crescimento metafisário, com formação de novo osso periosteal irregular, embora nem todos os cães afetados exibam estas alterações (FOSSUM, 2005). Assim que a afecção não mais esteja ativa, as alterações ósseas passam por remodelamento e reparo (JOHNSON; WATSON 1997).

Não há tratamento específico para a osteopatia hipertrófica, sendo aconselhado evitar desequilíbrios ou excessos alimentares e, conforme a necessidade, antiinflamatórios e analgésicos devem ser administrados para que a dor seja minimizada (FOSSUM, 2005). Há necessidade de bom tratamento auxiliar para prevenir desidratação, subnutrição e feridas de pressão e decúbito (JOHNSON;

WATSON, 1997). O exame radiográfico é o método auxiliar mais importante para o estabelecimento do diagnóstico de osteodistrofia hipertrófica. Para tratamento dos animais afetados, segundo Fossum (2005), devem ser administrados analgésicos para controlar a dor e podem ser administrados corticosteróides, antibióticos e vitamina C. Porém não se provou que são eficazes na abreviação do ciclo ou da gravidade dessa doença. Porém não se provou que são eficazes na abreviação do ciclo ou da gravidade dessa doença.

Os corticosteróides possuem ação antiinflamatória diminuindo a migração leucocitária, inibem a síntese e a liberação de pirógenos endógenos e nos ossos, aumentam a reabsorção óssea, bem como a competência dos osteoclastos e diminuem a atividade geradora de matriz óssea pelos osteoclastos. Além disso, antagonizam a vitamina D e, conseqüentemente, diminuem a absorção de cálcio pelo organismo (ANDRADE; JERICÓ, 2002).

### **Considerações Finais:**

Considerando que a ingesta de cálcio, deficiência de vitamina C e hipernutrição pode causar a doença, então, é necessário corrigir os desequilíbrios dietéticos e reduzir o consumo calórico, principalmente na alimentação de cães jovens.

### **Referências**

ANDRADE, A. L.; JERICÓ, J. C. **Aspectos Clínicos e Radiográficos da Osteodistrofia Hipertrófica.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cr/v26n3/a14v26n3.pdf>> Acesso em 10 maio 2011.

CARNEIRO, S.C.M.C.; FERREIRA, R.P.; FIORAVANTI, M.C.S. et al. **Superalimentação desenvolvimento do esqueleto de cães da raça Dogue Alemão: aspectos clínicos e radiográficos.** Arq.Bras.Med.Vet.Zootec. vol. 58, no.4, p. 256-260, 2006.

FABRIS, L. G.; **Osteodistrofia em cães.** Disponível em: <http://www.redvet.com.br/doencas/osteodis.htm>. Acesso em 29 de abr 2011.

FOSSUM, T, W. **Cirurgia de pequenos animais.** 2ª Ed, São Paulo: Roca. 2005.

JOHNSON K.A., WATSON A.D.J. **Tratado de medicina interna veterinária.** 4ª ed, São Paulo: Manole, 1997.